

ESTUDO, CONSERVAÇÃO, RESTAURO, DINAMIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO POVOAMENTO CASTREJO DA BACIA SUPERIOR DO RIO COURA: PRIMEIROS RESULTADOS

por

Maria de Fátima Matos da Silva*

Resumo: Pretende-se com este trabalho, mais do que mostrar o espólio e os dados científicos adquiridos com a escavação dos povoados estudados (Romarigães e Cossourado), “fazer a ponte” entre o estudo do espaço arqueológico e o seu restauro, conservação, dinamização e divulgação, ou seja, como “dar vida” a este tipo de povoado. Deste modo, pretendemos alertar e tentar acabar com os constantes sítios arqueológicos escavados e abandonados, em que os dados adquiridos só servem a uma pequena camada da sociedade científica, sendo os utentes culturais, as pessoas da região e outros potenciais interessados constantemente “marginalizados”.

Palavras-chave: Castrejo. Conservação. Dinamização.

A Cividade de Romarigães¹ é um dos povoados fortificados mais conhecidos e referenciados do concelho de Paredes de Coura, tendo contribuído para

* Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense. Responsável pela Área de Arqueologia do Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Paredes de Coura.

Em Julho e Agosto de 1993 fizemos novas campanhas de escavação, cujo tratamento não pôde ser aqui apresentado, dada a proximidade de datas entre estas e este Congresso.

As campanhas realizaram-se pela primeira vez na Cividade de Cossourado e continuaram na de Romarigães, tendo sido feita aqui também uma campanha de consolidação e reconstituição das estruturas detectadas.

Agradecimentos: o apoio a todos os níveis da Autarquia de Paredes de Coura, do seu Vereador da Cultura, da secção de obras, dos trabalhadores que fizeram o duro trabalho de limpeza da vegetação e que fazem a manutenção do monumento e, em especial, ao Centro Cultural na pessoa do Dr. Anibal de Almeida; à Área de Arqueologia e Pré-História da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, especialmente ao Dr. Paulo Félix, sem o qual todo o trabalho de topografia não se teria feito e aos colegas que activamente colaboram na campanha, nomeadamente os Drs. Carlos Gouveia, Antónia Gonçalves, Manuel Saleiro, Ana Rosa, Palmira Azevedo e Silva, Armindo Batata, Carla Alves e aos “OTLs” do Centro Cultural, palavras de grande apreço.

¹ Foi classificado como Imóvel de Interesse Público em 15 de Fevereiro de 1990, por despacho da Secretaria de Estado da Cultura e como Monumento do Interesse Concelhio no Plano Director Municipal.

a sua divulgação, entre outros, Narciso Alves da Cunha, especialmente através da sua monografia concelhia (CUNHA [1909] 1979).

Os trabalhos realizados em 1992 integraram-se no Plano de Trabalho designado: “Estudo, Conservação, Restauro, Dinamização e Divulgação do Povoamento Castrejo da Bacia Superior do rio Coura” e no Projecto de Carta Arqueológica do Concelho de Paredes de Coura, ambos dirigidos pela signatária.

A opção por esta intervenção arqueológica deveu-se a vários factores, decorrentes dos objectivos que temos em vista, no referido Plano de Trabalho.

A topografia e tipo de construção das estruturas defensivas, a localização do povoado em vale extenso, na zona mais baixa do vale superior do rio Coura e, conseqüentemente, o facto de ser um dos povoados de menor altitude desta área - um povoado de vale -, despertavam-nos o interesse por um maior conhecimento do mesmo, estimulando dúvidas e hipóteses. A hipotética cronologia, relativamente antiga, era também uma aliciante, assim como a falsa perspectiva do seu bom estado de conservação.

LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Situa-se no lugar do Alto da Cidade, freguesia de Romarigães, concelho de Paredes de Coura e distrito de Viana do Castelo.

Coordenadas Planimétricas: UTM (v.g. Couto D'Ouro):

X = 530.487,96; Y = 4.635.801,22

GAUSS:

X = 158,2; Y = 544,6

Altitude: 280,18 (v.g. Couto D'Ouro).

Está cartografado no Mapa dos Serviços Cartográficos do Exército, na escala 1/25.000, de 1949, na folha nº 15, e na Carta Geológica de Portugal (escala 1:50.000, folha 1-C, Caminha, 1962).

Segundo a Carta Geológica e respectiva *Notícia Explicativa* (TEIXEIRA 1961), o povoado está situado numa mancha de rochas eruptivas de granito calco-alcalino, porfiróide, de grão grosseiro, também designado granito monzonítico s.l. (granito com muito quartzo e mica).

Nesta região encontram-se também bastantes afloramentos xistentos. São rochas geralmente muito alteradas, de tons amarelados, que se observam em vários locais desta área.

Em relação aos sectores onde foram feitas as sondagens, detectámos, no Sector A e nas zonas onde se escavou até à rocha-mãe, afloramentos graníticos de grão grosseiro, estando, regra geral, alterado. O Sector B apresenta uma

formação geológica mais elaborada de afloramentos de granito de grão grosso, semelhante ao Sector A, com xisto acastanhado, muito alterado. Apenas uma escavação em área permitirá estudos geológicos interessantes.

Em toda a área oeste do povoado existe uma profusão de locais onde ocorre minério, de entre os quais se destaca o estanho, visto ter uma incidência de mais de 90% dos casos, sendo também o que se encontra mais próximo deste povoado.

Pelo referido se infere da relativa facilidade que teriam os povos habitantes deste povoado e da região na obtenção de matérias-primas, quer para a construção das estruturas do povoado, como para a obtenção de metais para o fabrico de utensilagem diversa.

A abundância de pedra granítica e mesmo de outro tipo (no caso xisto) suscita-nos ainda mais dúvidas, já alicerçadas no facto de ser caso único na região a construção de estruturas defensivas em terra, em taludes com fosso, em vez das “habituais” em pedra, como de resto é típico nos habitats desta ambiência cronológica, apontando, talvez, para a antiguidade deste povoado.

O povoado implanta-se numa elevação alongada, de encostas com declive suave, em zona relativamente plana, com cerca de 460 metros de comprimento. A rede hidrográfica é abundante, sendo o monte contornado por vários afluentes do Coura, que corre a NO. Destaca-se a leste a ribeira de Codeceira, que lhe passa no sopé.

Segundo estudos actuais, está implantado numa estreita e alongada mancha de solo com aptidão florestal (Tipo F), rodeada por uma larga mancha de solo com aptidão agrícola (Tipo A).

Aparentemente, houve uma boa escolha para a implantação do povoado, tendo em conta não só as condições de defesa, mas também os locais com bons recursos naturais, recursos esses que passam pela abundância hídrica, pela proximidade de bons solos, e, ainda, pelo fornecimento de matérias primas, nomeadamente a pedra, o metal e o barro. Estas ilações só são passíveis de terem algum fundamento se as condições geográficas actuais forem de algum modo semelhantes às da época em causa.

TOPOGRAFIA E CARTOGRAFIA

O levantamento topográfico foi realizado pelo G.A.T. (Vale do Minho), em 1986, na escala 1:500, aquando da sua classificação como Imóvel de Interesse Público. No entanto, houve necessidade de reformular a orientação da planta executada de forma a tornar possível a inserção dos sectores escavados na rede geral. Desta reformulação constou a ligação da área cartografada à Rede

Geodésica Nacional, através do Sistema U.T.M.

A zona da escavação é constituída por dois sectores independentes, posteriormente relacionados cartograficamente: o Sector A, com uma área de 64m² (quadrângulo de 8 x 8 m), dividido em 16 quadrículas de 2 x 2m; e o Sector B, com uma área de 40 m² (rectângulo de 10 x 4m), dividido em 10 quadrículas de 2 x 2m.

O relacionamento cartográfico dos sectores de escavação foi efectuado pelo método do “transporte de coordenadas” da estação central (v.g. Couto d’Ouro) para um dos lados da figura geométrica que define cada um dos sectores. Estes foram munidos de um ponto fixo para cotagem, situado junto ao ponto de origem de cada uma das figuras geométricas (canto SO). As altitudes desses pontos foram determinadas por nivelamento geométrico a partir do vértice geodésico referido ($Z = 280,18$ metros), situado entre os dois sectores. Assim, a origem altimétrica do Sector A corresponde a 274,74 metros e a do Sector B a 276,28 metros.

O POVOADO

Situa-se no cimo do monte e na sua vertente, sensivelmente entre as cotas 254 e 280,18, representando esta a altitude máxima.

As dimensões do recinto oscilam entre os 240 metros de comprimento e os 175 de largura. O *plateau* central mede cerca de 110 metros de comprimento e 35 de largura, sendo bastante alongado.

O perfil do monte é aplanado, com uma extensa chã no cimo rodeada pela primeira linha de muralha, em talude, construída em terra e muito pouca pedra. Em volta, nova zona relativamente plana e o talude externo que terminaria, talvez, em fosso, mas que com a erosão provocada quer por razões naturais, quer por razões antrópicas, actualmente quase não é perceptível. Uma futura sondagem nas zonas mais conservadas poderá vir a tornar a situação mais elucidativa.

As linhas de defesa, em número de duas, uma rodeando a acrópole (entre os 270 e 275 metros de altitude) e a outra na encosta de pequeno declive (entre os 260 e 267 metros), formam um circuito fechado, seguindo os contornos do monte. São duplas, em toda a área do monte, excepto a norte, onde se unem numa só que atinge cerca de 10 metros de altura, enquanto nas restantes partes os taludes têm em média 5 metros de desnível.

Estão relativamente bem conservados, sobretudo a norte, mas em toda a encosta leste, talvez por razões naturais, a erosão quase apagou os vestígios do talude externo, havendo locais onde se detecta o solo de base com facilidade,

estando também o talude interno muito destruído.

A união do talude interno ao externo deve-se ao facto de o lado norte do monte ter muito pouco declive, o que dificultaria a sua defesa. Daí a construção de um talude, quase vertical, que ronda os 10 metros de altura, ao qual se unem as duas linhas de defesa. Esta altitude só por si justificava a existência de uma única linha de defesa. No entanto, existe ainda no topo do monte, muito próximo desta área (c. 20 metros), uma espécie de “torreão”.

O “torreão” tem um configuração cónica, aberta num dos lados (NE) provavelmente por violadores, e foi construído também em terra com alguma pedra. Na “cratera” avultam pedras aparelhadas de médio a grande porte, de granito (escassas à superfície do povoado), que talvez tenham servido para alguma estrutura de vigia, ou outro tipo de construção que existisse no topo do “torreão” ou, ainda, podem ter pertencido à estrutura construtiva deste.

Tem uma cota máxima de 280,18 metros e mínima de 276,52 (base) o que lhe confere uma altura de 3,45 metros. Possui um diâmetro aproximado (no sentido norte-sul), no topo, de 12,5 e na base de 30 metros. O topo que circunda a “cratera” tem, actualmente, uma largura que oscila entre 1 e 1,40 metros.

A entrada do povoado localizar-se-ia a NO, visto existir nesse ponto cardial, sensivelmente a meio do povoado, um outro talude, como que um outro torreão (com a altitude máxima de 259,55), defendendo uma zona de acesso, actualmente não utilizada pela população local. Forma nesta zona uma terceira linha defensiva.

O “torreão” de vigia fica-lhe a NE e só do topo deste se tem visibilidade perfeita para esta zona, o mesmo acontecendo para o caminhante que se posicionar no centro do caminho traçado (actualmente pouco perceptível), que passa ao lado do talude de defesa da entrada, corta a muralha externa e perde aí o seu “rasto”. Está sempre “vigiado” pelo “torreão” e pelo talude da entrada. Todo este traçado é bem perceptível no levantamento topográfico.

Este talude de defesa da entrada passa entre as cotas 254 e 259 e, apesar da erosão que dificulta a sua percepção, apercebemo-nos que se orienta na direcção norte, convergindo para o talude externo, unindo-se a este de modo a vedar o acesso. Este acesso só se faria por um dos lados do talude, a sul, estando assim bem protegido e sendo de fácil defesa.

À superfície não são detectadas construções, sendo a pedra solta muito pouca².

² Existem, implantados nos limites superior e inferior dos taludes interno e externo, pedras graníticas colocadas de cutelo, formando marcos. Estão colocadas em alinhamentos que se entrecruzam, ou seja, circundando os taludes e dirigindo-se para o centro do povoado, semelhante às “pedras fincadas”, mas de finalidade muito diferente. Estão colocados a distâncias pouco regulares, que

A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

O Sector A foi implantado numa área relativamente plana, situada entre a muralha interna e a externa, próximo da zona mais alta do povoado, onde hipoteticamente existiria maior potência estratigráfica (o que infelizmente não se verificou).

Após a implantação da quadrícula, iniciaram-se os trabalhos de escavação com a abertura de uma sanja no sentido norte-sul, de um metro, no lado oeste dos quadrados e no alinhamento C. Os trabalhos seguiram o método de decapagem horizontal.

Posteriormente, a escavação foi alargada, conforme a necessidade de se visualizar em área os elementos que íamos encontrando.

Nesta área existe uma elevação que se repete na chã, formando uma espécie de alinhamento de cinco montículos. Uma sondagem feita em outros dois mostra bastante pedra solta.

Em todos os quadrados, excepto no C3, apareceu muita pedra solta, pequena e média, originárias do derrube de estruturas que aí tenham existido.

Entre os quadrados C0 e D0 encontraram-se algumas pedras que nos parecem estar “in situ”, formando uma pequena parede, no alicerce (local onde apareceu um rebolo granítico de mó manual). Pretendemos na próxima intervenção alargar em área a escavação, para poder confirmar ou não este facto.

No Qd. C2, e sobretudo no C1, detectou-se grande concentração de pedra, que, após se ter alargado em área, se constatou que se prolongava por vários quadrados, formando um montículo alongado que continua para fora do sector (no sentido norte) e que se testemunha no corte estratigráfico 1 A. Esperamos numa próxima oportunidade prolongar esta área.

Somente após a escavação de toda esta estrutura de possível derrube, encontrámos uma estrutura circular, no alicerce, que se prolonga pelos quadrados A0, A1, A2 e por uma pequena parte dos Qds. B1 e B2.

Encostada a esta, no Qd. B1, detectámos uma pedra granítica com vestígios de gotas de fundição de ferro (que foi retirada e guardada juntamente com o outro espólio no G.A.P.) e, ao lado, a única peça de metal deste sector: uma fíbula variante do tipo “Santa Luzia”.

variam entre os 6,10 e os 17,50 metros. Se estas pedras forem coevas talvez tenham servido para delimitar os taludes, observar-se o seu desgaste e erosão e a necessidade do seu arranjo. No entanto, devem ser relativamente recentes, tendo sido muito possivelmente colocadas como marcos divisórios de propriedade. Contudo, a sua disposição, como que em raios saindo do centro do povoado (do primeiro talude), não favorece esta interpretação.

AS ESTRUTURAS

A estrutura circular detectada (Estrutura 1) é constituída por pedra granítica, com muito pouca participação de xisto. Pedra essa raras vezes aparelhada e consolidada com uma argamassa saibrenta, de coloração beije.

Foi elaborada em aparelho de tipo irregular, ou *opus incertum*, de paramento interno e externo e enchimento de pequenas pedras. A parede tem de espessura, em média, 50 cm.

O piso era feito com saibro amassado, formando uma espécie de argamassa igual à que consolidava a parede.

Optámos por não intervencionar toda a estrutura, pois ainda não dispúnhamos de equipa de restauro.

Na camada estratigráfica 1 e 2, dentro da Estrutura 1 e circundando-a, foram detectados muitos carvões que recolhemos para análise. Alguma terra foi posteriormente peneirada e outra guardada para flutuação.

Um factor com que não esperávamos foi a grande destruição do povoado. Destruição essa feita não pela erosão e pelo passar dos séculos (o que não teria destruído as estruturas, até ao alicerce, pelo menos as que existiam nesta parte plana e elevada do povoado), mas pela mão humana, que foi utilizando este povoado como se de uma pedreira se tratasse, como nos foi confirmado pela população.

Neste sector, apenas uma muito pequena camada de terra, quase no solo de base, e um resto do alicerce da estrutura estavam “in situ”.

A ESTRATIGRAFIA

Foram analisados dois cortes estratigráficos, designados 1 A, no sentido norte-sul, lado leste, e 2 A, no sentido leste-oeste, lado norte. São caracterizadores de todo o sector escavado, que apresenta camadas estratigráficas idênticas, em número de três, caracterizadas da seguinte forma:

1 - Camada de terra humosa, de textura fina, pouco compacta, homogénea, com muitas raízes, de coloração castanha escura.

2 - Camada de terra de textura fina, compacta, homogénea, com algumas raízes e alguns grânulos de granito (não aparecem no corte 2 A) de coloração acastanhada clara.

3 - Saibro de base.

Existência de pedras de xisto e quartzo (só no corte 1 A).

A Estrutura 1 assenta no solo de base, assim como a fíbula, que se encontrava junto ao alicerce, numa zona sem remeximento. A cerâmica típica do

povoado aparece indistintamente na camada 1 e 2, devido aos fenómenos pós-deposicionais de que foi alvo.

○ ESPÓLIO

Ao contrário do que é habitual neste tipo de povoado, o espólio detectado, além de muito pobre, é escasso, chegando-se ao fim da campanha com 30 fragmentos de cerâmica, no Sector A, e 8 no Sector B.

No geral, temos uma cerâmica de fabrico micáceo, com desengordurante de mica de grandes dimensões, pouco depurada, compacta, de coloração rosada e acastanhada clara, com cozeduras razoáveis em atmosfera oxidante, acabamento por polimento e de fabrico em roda. Apresenta-se muito fragmentada e mal conservada, sem que seja possível definir formas ou retirar conclusões precisas de ordem cronológica. A decoração é praticamente nula, só nos restando um fragmento muito deteriorado, com decoração geométrica, em círculos.

À superfície encontrou-se cerâmica, em alguns casos um pouco mais depurada. Entre estas, um fragmento de cerâmica negra, depurada e com decoração geométrica, quase imperceptível, feita após a secagem da pasta, e vários fundos planos de tijelas, além de um bordo de jarro.

Mesmo nas proximidades da Estrutura 1, interna ou externamente, não se detectou maior número de fragmentos de cerâmica, bem pelo contrário.

Como espólio pétreo há a referir rebolos de mó manual, sendo um deles em granito de grão médio (superfícies muito polidas, sendo a superior convexa, e base plana). Refira-se ainda a pedra (em granito de grão fino) com vários pingos de fundição, de ferro, em duas das faces superiores.

O espólio metálico deste sector resume-se a uma fíbula de bronze que em termos tipológicos a classificamos como uma variante do tipo “Santa Luzia”. Em termos cronológicos e dado que a introdução deste tipo de fíbulas na designada área castreja se situa “nos finais do séc. V / inícios do séc. IV a.C. (PONTE 1980, 114), tendo, no entanto, uma larga perduração, como o provam elementos datados de meados do séc. I d.C. (SILVA 1986, 189), apontamos, pois, a sua elaboração para o período compreendido entre a data limite de introdução referida e o séc I a. C.

O facto de apresentar uma forma de prensão da mola completamente diferente de todos os paralelos conhecidos para este tipo de fíbula³, indicará uma variante regional do designado tipo “Santa Luzia” e um fabrico local.

³ A este respeito veja-se: PONTE 1980, 111-119.

O SECTOR B

Este sector localiza-se entre o “torreão” de vigia e o talude externo, na zona norte do povoado, onde se unem os dois taludes.

Implantou-se uma quadrícula de 10 x 4m, e iniciou-se a escavação “em xadrez”, abrindo-se quadrados alternados, alguns na sua totalidade (A3, B0, B2 e B4), outros apenas um metro (lado leste - B1 e B2 e lado oeste, no caso do A1), seguindo método idêntico ao anterior, por decapagem horizontal.

Os quadrados foram abertos pela metade, do lado leste da quadrícula, com o objectivo primordial de definirmos um corte estratigráfico.

Os quadrados abertos até ao solo de base, na sua generalidade, excepto os Qds. A1 e B2, revelaram-se praticamente estéreis, em termos de espólio e completamente no caso de estruturas. Tal como no sector A, a potência estratigráfica é muito pequena, o que mais uma vez muito nos espantou, não excedendo também o meio metro.

Contudo, ofereceu-nos alguns problemas estratigráficos que talvez venhamos a resolver com uma escavação em área, pois numa pequena altura de terra aparecem-nos várias camadas que se misturam e alternam.

Outro factor interessante que suscita também algumas dúvidas são os cortes no saibro e as fossas. Uma delas, no quadrado B1, escavado até à base, não forneceu qualquer material, apesar de termos peneirado a terra com malha muito fina e ter sido feita a flutuação.

Como se testemunha no corte 1B, no mesmo quadrado existe uma outra, mas muito irregular, que também não forneceu qualquer tipo de material.

Trata-se, sem dúvida, de uma área geologicamente muito rica, onde se verifica a junção de afloramentos graníticos com outros de natureza xistenta, evidente nos Qds. B3 e B4, assim como as próprias camadas estratigráficas.

Outro elemento a referir é o de que somente nesta área — pois nem no sector A, nem em toda a superfície do povoado (que prospectámos intensamente), detectámos qualquer vestígio de ambiência romana — nos apareceram raros fragmentos de ímbrice e tégula (4 de ímbrice e 1 de tégula) muito deteriorados e também uma moeda romana, bastante mal conservada mas que nos permite, pelo menos, uma cronologia “post quem” para a primeira metade do século IV d.C.

A ESTRATIGRAFIA

Neste sector foi analisado um corte estratigráfico (corte 1B), no sentido norte-sul, lado leste, relativamente caracterizador de todo o sector, que apresen-

ta, no geral, camadas estratigráficas idênticas, em número de três e, neste caso, em número de quatro. Caracteriza-se da seguinte forma:

1 - Camada de terra humosa, de textura pouco compacta, homogénea, com muitas raízes, de coloração castanha escura.

2 - Camada de terra de textura compacta, fina, homogénea, com poucas raízes, de coloração castanha clara.

3 - Camada de terra de textura compacta, fina, homogénea, com poucas raízes, de coloração acinzentada.

4 - Saibro de base.

À simplicidade estratigráfica do sector A opõe-se a complexidade deste, sobretudo na sua parte leste, uma vez que todo o corte do lado oeste tem uma formação geológica idêntica aos cortes do sector A. Aqui, especialmente nos quadrados B2, B3 e talvez na continuidade destes, existe uma grande mistura de camadas de textura muito fina e muito compacta, de várias colorações, mescladas.

Na área referente ao quadrado B 2, do lado oeste, a camada 2 sobrepõe-se à 1, o que evidencia a existência de fenómenos pós-deposicionais.

Facto ainda mais interessante é o de estas camadas intrusas no sector apenas existirem na área destes quadrados e depositadas, aparente e intencionalmente, no corte feito no saibro de base. Não foi atingido, este ano, o seu limite, nem em profundidade, nem em área.

○ ESPÓLIO

Como referimos, este sector revelou-se muito pobre, não tendo fornecido estruturas e quase nenhum espólio.

Aqui aparecem materiais tipicamente romanos: na camada 1, a moeda e a tégula e ímbrice. Os outros fragmentos de cerâmica, aparecidos na camada 2 e 3, são referentes a cerâmica indígena de fabrico micáceo, já caracterizada.

A moeda é em bronze e trata-se de um *folli* de Constantino I, cunhada em Treveris, entre 309/310 e 313, muito raro nos catálogos consultados (RIC, 228/1856; *Fouilles de Conimbriga*, 46, nº 1197).

○ SECTOR C

Aproveitando uma parte do talude externo, que terá sido destruído em tempos idos, para aí passar um caminho carreteiro que leva ao topo do monte, fizemos, no corte do lado oeste, uma pequena sondagem, que consistiu na verticalização, tanto quanto possível, da parede de terra e na limpeza do caminho, procurando horizontalizá-lo.

O corte estratigráfico daí resultante foi então desenhado e analisado. Devido ao seu comprimento foi necessário implantar quatro estações.

Foi possível confirmar o tipo de construção do talude, em terra com muito pouca pedra de granito que assenta no saibro e na rocha base. Rocha essa em granito calco-alcalino, porfiróide, de grão grosso. Tem uma coloração acinzentada e duas manchas oblíquas de granito de grão um pouco mais fino, de coloração amarelada, provavelmente pela intrusão de elementos ferrosos.

O corte do lado leste está muito destruído.

Este sector situa-se a sul do povoado, havendo um outro caminho carreteiro que também cortou o talude externo, a norte, muito próximo do sector B. Também aí se confirma o tipo de construção em tudo semelhante.

A falta de várias camadas estratigráficas leva-nos a levantar a hipótese da possível construção do talude numa só fase, sem reconstruções profundas em épocas diferentes.

O corte tem uma potência estratigráfica, no seu ponto mais alto, de 3,20 metros - à cota de 266,11 (que é atingido aos 18 metros de comprimento) -, e uma extensão de 32 metros. O desnível é de 7,40 metros, estando o topo (inicial) a uma cota de 269,15 e o do fim à cota de 261,75. O ponto mais alto do talude situa-se a uma altitude de 266,11 metros.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Se foi possível confirmar a monumentalidade deste povoado e detectar uma série de elementos inéditos, também podemos concluir que neste momento temos mais dúvidas do que certezas, devido aos elementos inéditos e sem paralelos e, também, porque só alargando as sondagens agora realizadas (fazendo uma escavação em área e sondagens noutros pontos) se poderá adquirir maiores conhecimentos, resolver dúvidas que uma campanha desta natureza ainda não comporta.

No entanto, após esta intervenção podemos reter alguns elementos:

- o tipo de cerâmica indígena de fabrico micáceo; embora não tenhamos um estudo formático, visto os fragmentos que possuímos não nos permitirem definir formas, nem usos, podemos, pelo contexto e pelo estudo da pasta, pôr a hipótese de serem caracterizadores da Fase II da Idade do Ferro;

- a fíbula tipo "Santa Luzia" que pode encaixar-se dentro desta cronologia e dado ter sido detectada na base da Estrutura 1, pode também dar-nos uma cronologia relativa para esta. O seu tipo de fabrico e forma de prensão da mola, diferente dos paralelos conhecidos, poderá indicar-nos uma variante regional deste tipo e ter um fabrico local;

- o tipo de construção, de aparelho irregular, da Estrutura 1, de fabrico muito tosco;
- a não detecção, até ao momento, de mós rotativas mas rebolos de mós manuais;
- o tipo de construção das linhas de defesa em talude, provavelmente com fossos;
- o “torreão” de vigia;
- a coerência dos materiais encontrados;
- e o quase não aparecimento de espólio tipicamente romano.

Todos estes elementos indicam uma cronologia bastante antiga para este povoado, bem como uma muito fraca romanização - se a teve - e um abandono precoce.

Parece-nos que o facto de a via romana passar na base do povoado (situando-se aí um marco miliário de Augusto, datado de 11-12 d.C.) tenha sido um elemento de “expulsão” que forçou ao abandono do povoado.

A SINALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO

A sinalização do povoado comporta dois tipos de placas: as indicadoras do local e uma “explicativa”. Esta última foi elaborada nas oficinas da autarquia e colocada ainda quando decorria a campanha.

As primeiras, em número de quatro e em forma de seta, sinalizam o caminho a tomar, tendo sido colocadas em pontos-chave, de acesso ao povoado. A placa “explicativa” foi colocada na actual entrada do povoado, e possui formato rectangular (2x1,5m). Comporta alguns dados relativos às entidades relacionadas com a escavação, uma cronologia relativa, bem como uma chamada de atenção para os possíveis visitantes e moradores, no sentido da protecção do património que têm perante si e a indicação do local e tipo de monumento. Pretende informar e despertar a atenção dos visitantes.

É uma placa provisória, pois com o decorrer das intervenções temos em projecto elaborar uma outra, ou outras, mais completas, verdadeiramente didáctico-explicativas.

A vedação do povoado está ainda em estudo.

A manutenção é feita por trabalhadores da autarquia, sob a nossa orientação. A primeira fase constará da distribuição de herbicida nos sectores interencionados e em torno destes.

Após o término da escavação no Sector A, local onde, como vimos, foi detectada a única estrutura, procedeu-se à cobertura desta com um plástico reforçado por pedras.

Pretendemos, assim, defender o pouco que resta da estrutura para, logo que possível, se fazer a sua consolidação e reconstituição parcial.

Aliás, na altura que esta publicação vier a lume, já esta estrutura foi escavada na sua totalidade e restaurada, seguindo um plano previamente elaborado em que as estruturas foram consolidadas e reconstruídas com a utilização da pedra original e as mesmas técnicas de construção, seguindo, pois, o mesmo tipo de aparelho e de paramento da estrutura.

Usamos o xisto para a elaboração da linha divisória da parte reconstituída dado que é também um mineral típico da zona.

DINAMIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Apráz-nos referir que esta campanha alcançou bastante êxito, tendo tido grande e positivo impacto não só na população local e do concelho como também nos órgãos de comunicação social concelhios, distritais e nacionais.

Foi uma campanha que valorizou o património concelhio, divulgou-o, mas, sobretudo, obstou a que aumentasse o grau de destruição, alertando a população para a defesa do seu património e a importância do mesmo.

Para isto supomos que tem contribuído a política de divulgação arqueológica que temos encetado.

Mais do que tomar medidas concretas incidentes nos povoados é necessário que em Portugal se faça uma grande campanha de informação, no sentido de criar o gosto pela Arqueologia. Informação essa que deve ser feita não só em moldes correctos e científicos mas e, sobretudo, de forma didáctica, de modo a que os conhecimentos sejam realmente adquiridos e assimilados.

É necessário criar a consciência colectiva de que a Nossa História não começou na independência do reino português, face ao de Castela e conseqüente formação da nacionalidade, mas muito antes com os primeiros povos que habitaram o nosso território.

Só com a assimilação desta realidade poderemos ter resultados concretos e os sítios arqueológicos passarão a ser visitados, não só os que em termos visuais são mais espectaculares mas mesmo as estações paleolíticas ou as megalíticas, com estruturas pétreas pouco evidentes.

Esta consciencialização passa por um trabalho simultâneo de musealização das estações e por uma conseqüente política de *marketing* no sentido da informação da existência das mesmas. Ninguém pode ir visitar aquilo de que desconhece a existência.

Fazer apenas a valorização do sítio arqueológico, apesar de ser uma atitude muito louvável, não chega, dado que, mesmo existindo uma correcta

manutenção do local, o que é muito raro em Portugal, se o local não for visitado, interpretado, se não chegar ao conhecimento do utente todo o trabalho foi em vão. A fruição do local é o objectivo essencial.

A musealização de um povoado fortificado passa não só pela consolidação e restauro das estruturas detectadas mas, também, pela construção de réplicas das estruturas habitacionais e/ou outras.

Uma forma assaz eficaz de preservar e valorizar o património é a sua iluminação. Esta desperta a curiosidade e o interesse do cidadão, ao mesmo tempo que garante a preservação e defesa do povoado, não só afugentando possíveis malfeitores, mas relevando a importância do sítio, pelo que criará a consciência colectiva do seu valor e da necessidade da sua defesa e preservação. Esta fase, no nosso caso, está ainda em estudo.

A criação de um espaço museológico municipal está já em criação e, embora não se trate unicamente de um museu arqueológico, terá algumas salas dedicadas a esta temática. Trata-se de um museu vivo, dado que vai criar as suas estruturas aproveitando uma casa rural e anexos.

Esse espaço pretende-se amplamente animado com projecção de diapositivos, filmes, visitas guiadas e *ateliers* de ocupação de tempos livres. Realce-se que esta autarquia possui, já há alguns anos uma ludoteca.

Enquanto a sua criação não é um facto, têm-se levado a cabo exposições temáticas, com maletas pedagógicas preparadas para o efeito que se traduzem numa aproximação do meio, levando a cultura até à população, como se tem feito com as acções de sensibilização directas nos lugares das várias freguesias.

A sensibilização da população é pois uma tarefa imprescindível, visto que sem o seu apoio se tornará inviável a realização de qualquer actividade.

Ter a população como “inimigo” resulta em constantes destruições do que se faz, assim como ter uma população alheia às iniciativas, dado que estas deixam de ter razão de existir. Estas fazem-se para criar o bem estar cultural da população.

Por outro lado, o seu apoio é imprescindível: quer nas autorizações para intervenções, quer, a um outro plano, para defesa das estações de actos vandálicos, quer para a contribuição nos trabalhos, quer de campo, quer fornecendo uma enorme quantidade de informação que só a população local conhece.

Neste caso particular, temos realizado várias actividades com a população da área desde concelho, que têm dado os seus frutos, tornando-se sensibilizados para a realidade cultural e arqueológica que os rodeia. Podemos aqui destacar a prestimosa colaboração nas respostas aos inquéritos “toponímico-arqueológico” e “artístico-documental”, por nós distribuídos, os quais nos forneceram dados muito importantes.

A sensibilização da população local e regional é uma tarefa básica que

pode ser feita a vários níveis. As conversas, palestras, colóquios são outro meio de atingir e sensibilizar, assim como a projecção de filmes, diaporâmas, dispositivos. As visitas guiadas às estações são também muito importantes.

A utilização dos meios de comunicação local, regional ou nacional é muito eficaz, dado que são meios que criam bastante impacto, transmitindo com maior facilidade ideias e realizações.

A criação de um Gabinete Técnico e Científico de Arqueologia e Património, que promovesse a correcta assessoria no domínio do património cultural e natural, foi uma das melhores formas de tentar resolver os problemas concelhios sentidos a este nível.

Assim, na área que temos vindo a estudar criou-se um Gabinete deste tipo, com características diferentes dos demais, pois existe sobretudo pela colaboração de várias entidades, num projecto comum e abrangente, que visa o levantamento, estudo, protecção, dinamização e divulgação do Património Cultural e Natural do Concelho de Paredes de Coura.

É neste âmbito que temos vindo a desenvolver as actividades referidas, bem como a organização das “Quinzenas Culturais”⁴ onde se conjugam actividades de ordem científica, como colóquios e exposições, com outras de carácter etnográfico e popular, como concursos de desenho, fotografia, actuação de ranchos folclóricos, organização de demonstrações de jogos populares e outras actividades artesanais que têm tido grande impacto nas populações.

Os Cursos com características de formação e sensibilização na área do Património e Arqueologia enquadram-se dentro das iniciativas mais concretas e eficazes. Deve-se numa primeira fase organizar cursos com um carácter de sensibilização e só depois passar para outros com matérias mais específicas e com uma maior finalidade formativa, pelo que organizámos o Curso de “Sensibilização ao Património”, em parceria com várias instituições de ensino superior.

A edição de publicações é essencial para que se possa levar ao grande público o fruto dos trabalhos e investigações realizados, mostrando à comunidade aquilo que possui bem como, no fundo, justificando os gastos⁵.

Enquadrado nesta conjuntura, o Gabinete possui uma publicação autónoma, designada *Cadernos de Arqueologia e Património* que se reveste de duas versões: uma série anual com artigos vários e uma outra monográfica.

Em relação aos desdobráveis, estes devem também ter um carácter peda-

⁴ A primeira (em Junho de 1991) sob o tema: «Património e Arqueologia» e a segunda (em 1992) sobre o “Traje e Ourivesaria”.

⁵ Com este propósito, até ao momento, foram elaborados vários artigos em revistas da especialidade, versando temas arqueológicos ou outros relacionados com o património arquitectónico e o etnográfico (SILVA 1991a), 7-24; SILVA 1992, 9-16; 17-32; 33-36 e 37-52).

gógico, informativo e serem feitos de acordo com a idade e o nível cultural a que são destinados. Os que temos feitos e projectado são de vários tipos, conforme o público a que se dirigem. Assim, temos o desdobrável pedagógico dedicado à criança do ensino básico, o dedicado ao estudante de outro nível de ensino, o dedicado à população do concelho ou outra e um outro para o turista, em várias línguas.

Os vídeos devem ser elaborados também de acordo com a população a que são dirigidos, tendo características pedagógicas, informativas e de linguagem e compreensão fáceis. Devem incluir não só os elementos da arqueologia visíveis e existentes, mas uma recriação por montagem ou por encenação da realidade de cada época, sobre pena de não serem compreensíveis. Devem elucidar com clareza os factos ou situações a que se reportam. Por exemplo, para que servia a peça que está em projecção, a cronologia da mesma, ou seja a inserção na época a que pertence.

Os avanços da informática permitem-nos uma panóplia muito vasta de aplicações com os mais variados fins, quer em termos de execução, como de criação, de diversão ou de informação, que são auxiliares preciosos na divulgação e informação do público das mais variadas idades e com os mais variados interesses.

Existem inúmeras actividades que se podem fazer com crianças e adolescentes, actualmente facilitadas pela introdução da designada “Área-Escola”, como uma das actividades curriculares da escolaridade obrigatória.

O intercâmbio entre a escola e o meio tem sido uma das nossas preocupações, pelo que desenvolvemos actividades entre o Gabinete de Arqueologia e as escolas concelhias, através de acções escolares, com a projecção de diapositivos e conversas com os alunos, visitas guiadas, organização de cursos e exposições, participação nos trabalhos de escavações arqueológicas.

Com a colaboração de dois professores de uma escola próxima do contexto sócio-cultural de Paredes de Coura, concretamente na Escola C + S de Arcozelo, em Ponte de Lima, aplicámos alguns conceitos de temos vindo a defender, tendo-se revelado uma experiência muito interessante que pensamos continuar.

O tema da “Cultura Castreja” foi introduzido com uma explicação dos professores, acompanhada pela análise dos livros escolares e do material de apoio que lhes tinha sido entregue⁶. Entre esse material destaque-se, por exemplo, uma estampa abordando as várias etapas da arqueologia (“O Ciclo

⁶ Agradecemos aos Professores Carlos Gouveia da Silva e Francisco Madureira o enorme serviço que nos prestaram, bem como à Escola C+S de Arcozelo.

Infelizmente, por razões de espaço da publicação não podemos aqui apresentar todas as estampas e o tratamento dos dados obtidos, que se revelaram assaz interessantes.

Arqueológico”), entre outras sobre os povoados fortificados (as cabanas e muralhas existentes nestes e as formas e tipos de construção). Dentro desta maleta constavam também esquemas sobre a possível ocupação do espaço em uma cabana, bem como os processos de fabrico de alguns bens.

Foram também distribuídos alguns dos jogos e gravuras que elaborámos, tal como as anteriores, no sentido não só de colher elementos em relação à sua receptividade para um posterior utilização no Museu de Paredes de Coura mas, também, com fins didácticos para uma mais fácil assimilação dos temas leccionados. Os jogos consistiam na detecção das seis diferenças de duas figuras sobre um povoado “castrejo”, na localização das peças de um “Puzzle”, também com a figuração de um povoado, e no desenho da estela menir da Boulhosa. Alguns alunos mais perspicazes conseguiram descobrir o verdadeiro formato da peça mas, a maioria, arranjou outras soluções. Em termos de coloração apresentaram pinturas muito interessantes e vistosas.

De referir ainda o jogo “Passeio pelos Castros de Coura” que teve larga aceitação (Est.IV)

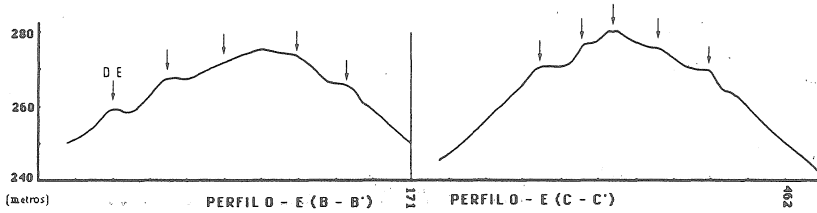
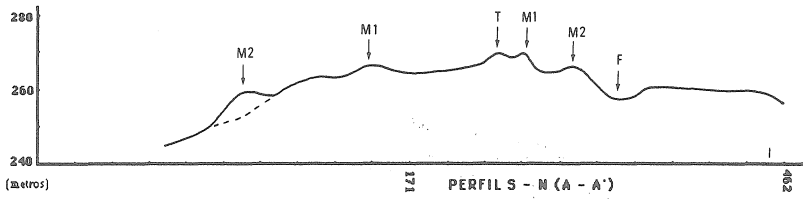
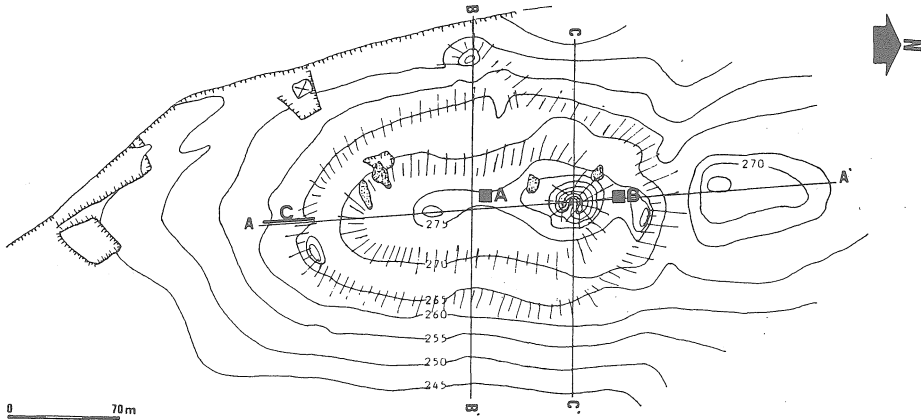
Parece-nos que este tipo de actividades baseadas em jogos e desenhos são uma forma assaz eficaz de formar, de uma forma lúdica, trazendo enormes vantagens na aprendizagem.

Esperamos dentro de um futuro próximo, após a escavação em área, e segundo os projectos que temos, fazer a construção de réplicas das habitações e de outras estruturas; a sinalização dentro e fora dos povoados com placas de cariz didáctico, explicativo e informativo; a criação de instalações para laboratórios; a exposição correcta dos materiais e a construção, eventual, de um Museu Monográfico; a melhoria dos acessos; a reconstituição de contexto ambiental (vegetação, cursos fluviais, singularidades geomorfológicas); a elaboração de vários materiais de apoio, entre muitas outras actividades que permitam a sensibilização e a informação da população, bem como a divulgação e dinamização dos povoados, completando assim uma panóplia de achegas com as quais tentamos valorizar o povoamento estudado.

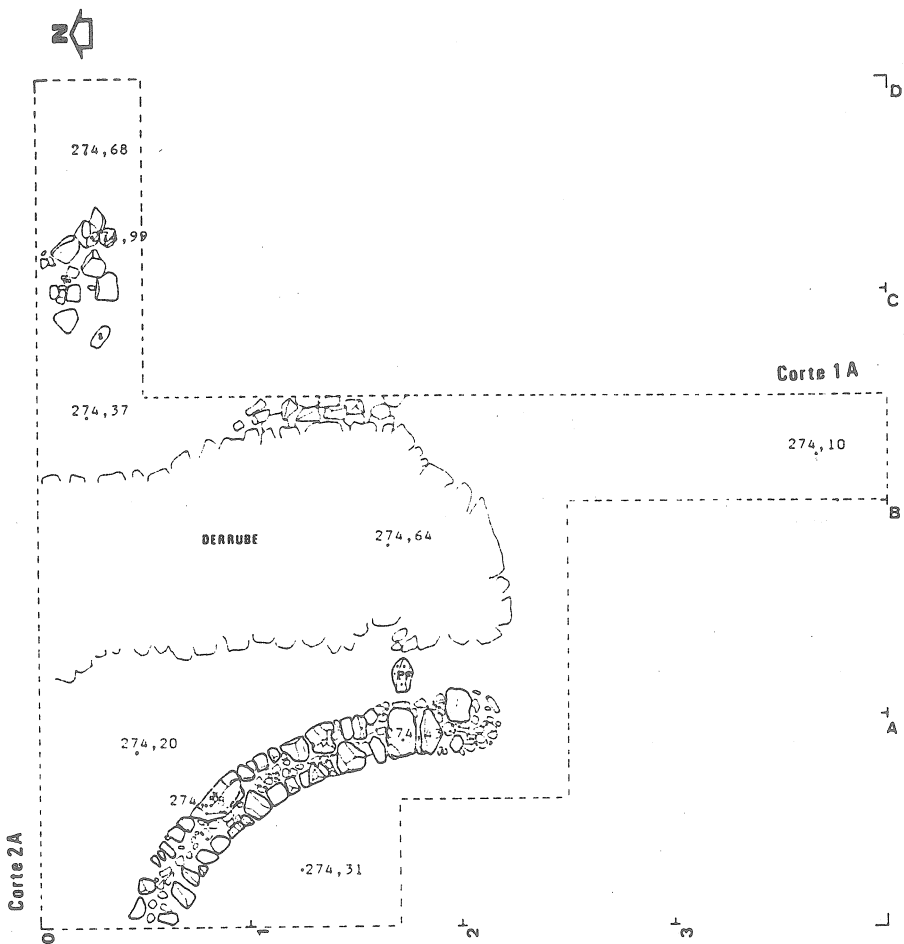
Desta forma procuramos fazer “a ponte” entre o estudo do espaço arqueológico e a sua valorização através do restauro, conservação, dinamização e divulgação, ou seja, recriando o “mundo castrejo” e fazendo os possíveis para que este “mundo” chegue até ao grande público, a fim de que este se converta no grande defensor e divulgador do Património que é seu - no fundo, o grande objectivo deste nosso estudo.

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, Narcizo Candido A. (1909). *No Alto Minho. Paredes de Coura*. 1ª Ed. Paredes de Coura, (2ª Ed., 1979, Braga).
- MATTINGLY, H., E. A. Sydenham e C. H. V. Sutherland. (1967). *The Roman Imperial Coinage*. 7, Londres.
- PONTE, M. La Salette. (1980). A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Revista de Guimarães, 2, Guimarães, 111-119.
- SILVA, A. C. Ferreira. (1986). *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. M.A.C.S., Paços de Ferreira.
- SILVA, M. Fátima Matos. (1991). O Povoamento Castrejo em Paredes de Coura. *Boletim Municipal*, 3, Paredes de Coura.
- (1991a). Machados de Pedra Polida do Concelho de Paredes de Coura. *Rv. Ciências Históricas*, 6, Porto, 7-24.
- (1992). O Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Paredes de Coura. *Cadernos de Arqueologia e Património*, 1, Paredes de Coura, 9-16.
- (1992a). Campanha de Limpeza, Protecção, Cartografia e Sinalização do Núcleo Megalítico de Chã de Lamas, S. Martinho de Vascões, *C.A.P.*, 1, P. Coura, 17-32.
- (1992b). O Castro de Cristelo: apontamentos para o seu estudo. *C.A.P.*, 1, P. Coura, 37-52.
- (1992c). Documentos para a Carta Arqueológica de Paredes de Coura: Trísceles e Mós rotativas de Favais (Moselos). *C.A.P.*, 1, P. Coura, 33-36.
- SILVA, Carlos A. G. (1993). *Igrejas Barrocas do Concelho de Paredes de Coura*. Cadernos de Arqueologia e Património - Monografias, 1, Paredes de Coura.
- TEIXEIRA, C. (1961). *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-C (Caminha, 1962)*. Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.

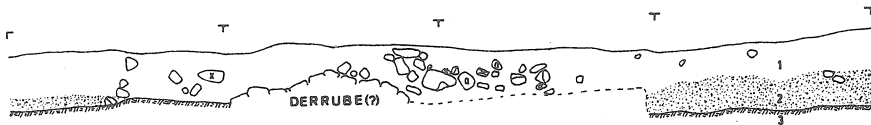


Est. II



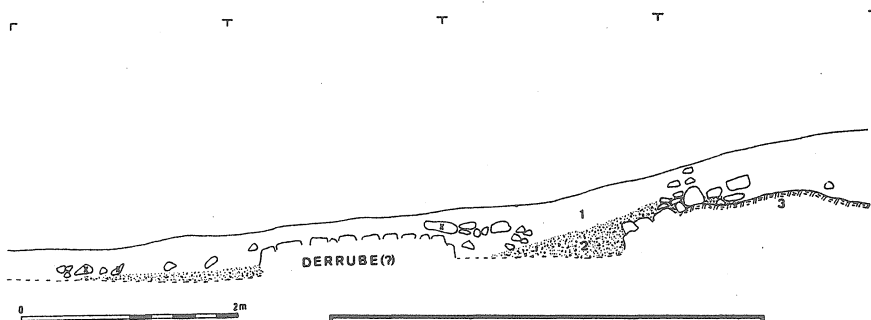
DESENHO PLANIMETRICO DO SECTOR A

S - Seixo em quartzite.
PF - Pedra granitica com restos de fundição de ferro.



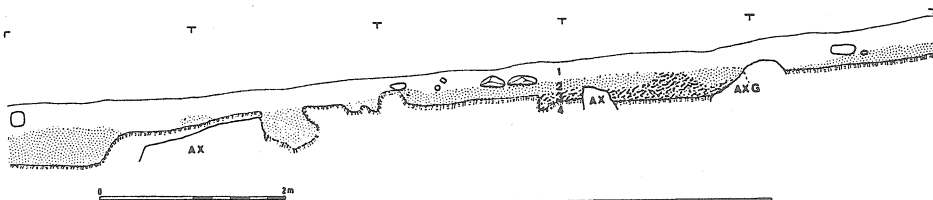
CORTE ESTRATIGRÁFICO 1 A (Norte - Sul)

- 1 - Camada de terra humosa, de textura fina, pouco compacta, homogénea, com muitas raízes e de coloração castanha escura.
- 2 - Camada de terra de textura fina, compacta, homogénea, com algumas raízes, com alguns granulos de granito e de coloração castanha clara.
- 3 - Saibro de Base.
- X - Xisto.
- Q - Quartzos.



CORTE ESTRATIGRÁFICO 2 A (Este - Oeste)

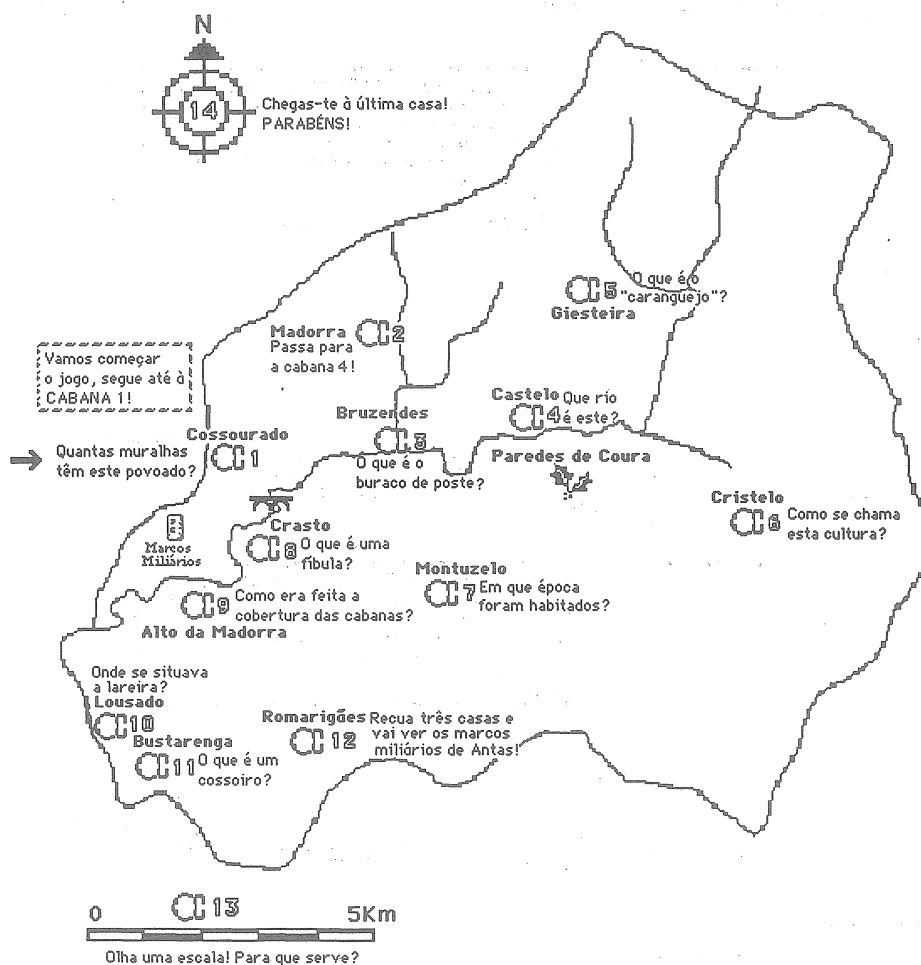
- 1 - Camada de terra humosa, de textura fina, pouco compacta, homogénea, com muitas raízes e de coloração castanha escura.
- 2 - Camada de terra de textura fina, compacta, homogénea, com algumas raízes e de coloração castanha clara.
- 3 - Saibro de Base.
- X - Xisto.



CORTE ESTRATIGRÁFICO 1 B (Norte - Sul)

- 1 - Camada de terra humosa, de textura fina, pouco compacta, homogénea, com muitas raízes e de coloração castanha escura.
- 2 - Camada de terra de textura fina, compacta, homogénea, com poucas raízes e de coloração castanha clara.
- 3 - Camada de terra de textura fina, compacta, homogénea, com poucas raízes e de coloração acinzentada.
- 4 - Saibro de Base.
- AX - Afloramento de xisto.
- AXG - Afloramento com junção de xisto e granito.

PASSEIO PELOS CASTROS DE COURA



Para fazeres este "passeio" basta percorreres as várias "cabanas" dos Castros da região.

As regras são muito fáceis. Quanto responderes acertadamente a uma questão avanças duas cabanas. Se errares recuas duas e continuas até ao fim. Como vês é muito fácil!

Serve-te dos pequenos "cossoiros" de cartão como fichas. BOA SORTE!